



Boletim do Museu Paraense Emílio
Goeldi. Ciências Humanas

ISSN: 1981-8122

boletim.humanas@museu-goeldi.br

Museu Paraense Emílio Goeldi
Brasil

Medeiros da Silva, Neusiene; Pinto de Andrade, Anna Jéssica; Rozendo, Cimone
'Profetas da chuva' do Seridó potiguar, Brasil
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 9, núm. 3, septiembre
-diciembre, 2014, pp. 773-795
Museu Paraense Emílio Goeldi
Belém, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394051398014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

‘Profetas da chuva’ do Seridó potiguar, Brasil **‘Rain prophets’ from the Seridó region, Brazilian Northeast**

Neusiene Medeiros da Silva¹, Anna Jéssica Pinto de Andrade¹, Cimone Rozendo¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande Norte, Brasil

Resumo: A observação de sinais da natureza para previsão do tempo é bastante difundida entre os sertanejos do nordeste brasileiro. Aqueles que se notabilizaram nesta prática, comumente conhecida como ‘experiências de inverno’, são denominados de ‘profetas da chuva’. Na região do Seridó, Rio Grande do Norte, assim como acontece em outros locais do Nordeste, estes prognósticos têm tanta relevância que são, inclusive, divulgados nas rádios locais, independentemente de convergirem ou não com as previsões das instituições oficiais. Este artigo identifica, a partir do discurso dos ‘profetas da chuva’ do Seridó potiguar, quais fatores os estimulam a realizar estas experiências. Observou-se que esta habilidade cumpre uma função social, prática e simbólica, importante em um ambiente marcado pelas adversidades sociais e climáticas. Poder antecipar-se na organização das atividades produtivas, frente às possibilidades de seca, está entre os principais fatores que influenciam na reprodução das ‘experiências de inverno’, embora elas não se limitem a isso. O desejo de reproduzir a cultura sertaneja, demarcar uma identidade, manter uma relação específica com a natureza e ajudar o próximo, bem como a rivalidade e/ou a não aceitação das previsões dos meteorologistas também constituem elementos importantes para a continuidade das ‘experiências de inverno’ por parte dos profetas.

Palavras-chave: Sertanejo. Previsão do tempo. Meteorologia popular. Semi-árido.

Abstract: The observation of signs from nature for weather prediction is a very common practice among the country people (*sertanejos*) from the Brazilian Northeast. Those who distinguished themselves on the development of this practice, commonly known as ‘winter experiences’, are called ‘rain prophets’. In a region called Seridó, in the State of Rio Grande do Norte, like other places of the Northeast, these prognostics have so much relevance that they are even reported on local radios, whether or not they converge with the predictions from official institutions. This article identifies, through the discourse of the ‘rain prophets’ from Seridó, the factors that stimulate them to perform these experiments. It was observed that this ability fulfills an important social, practical and symbolic function in an environment known for its social and climatic adversities. To be able to anticipate the organization of the productive activities, facing the possibilities of drought, is one of the main factors that influences the reproduction of ‘winter experiences’, even though that is not the only reason. The desire to reproduce the *sertanejo*’s culture, to mark an identity, maintain a specific relationship with nature and help others, as well as the rivalry and/or non-acceptance of forecasts from meteorologists also were important elements for the continuity of ‘winter experiences’ by the prophets.

Keywords: *Sertanejo*. Weather prediction. Popular meteorology. Semiarid climate.

SILVA, Neusiene Medeiros da; ANDRADE, Anna Jéssica Pinto de; ROZENDO, Cimone. ‘Profetas da chuva’ do Seridó potiguar, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, n. 3, p. 773-795, set.-dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000300014>.

Autor para correspondência: Neusiene Medeiros da Silva. Rua Joaquim Vicente, n 72, apto. 103 – Nova Descoberta. Caicó, RN, Brasil. CEP 59300-000 (neusieneggeo@yahoo.com.br).

Recebido em 17/08/2013

Aprovado em 20/05/2014

INTRODUÇÃO

A leitura de sinais da natureza como forma de realizar previsões climáticas, ou simplesmente a realização de 'experiências de inverno', como são reconhecidas, constitui um traço importante do modo de vida do sertanejo. Aqueles que se notabilizaram no desenvolvimento desta prática foram denominados de 'profetas da chuva'.

A 'experiência de inverno' é um conhecimento tradicional praticado pelos sertanejos do Nordeste para prever o tempo a partir da observação sistemática de diferentes elementos da natureza, como o comportamento da fauna e da flora; o movimento e a posição dos astros; fontes e reservatórios de água; além de dias santos e datas específicas do ano, entre outros fatores (Macedo, 2012; Bezerra Jr., 2006; Magalhães, 1963). Trata-se de um saber proveniente da tradição, adquirido ao longo do tempo e repassado de geração a geração (Folhes e Donald, 2007).

As 'experiências de inverno' tiveram um espaço privilegiado para seu desenvolvimento nas terras que hoje se denomina como Nordeste (Guillen, 2002). A ocupação baseada na pecuária, consorciada com agricultura de subsistência no ambiente das caatingas, e a incerteza do 'inverno' compunham um cenário que deixava sempre em suspeição a sobrevivência dos habitantes dos sertões. Como destacaram Silva *et al.* (2013, p. 88):

Em um cenário de grande hostilidade social e ambiental, em que a capacidade de resistência dos sertanejos é colocada à prova cotidianamente, saber ler os sinais de chuva ou seca afigura-se como uma forma simbólica de deter algum controle e precaução em um universo marcado pela imprevisibilidade. Neste contexto, estas experiências representam a possibilidade de expansão de existência dos agricultores sertanejos. São estratégias reproduzidas e ressignificadas em cada momento histórico.

A paisagem rústica e delicada da caatinga, bioma predominante na região, revela, ao mesmo tempo, as duas faces de uma mesma moeda. Em um período, a região se

encontra cheia de vida, flores de diversas formas, cores, cheiros, vegetação com folhagens em variados tons de verde; em outro, a imagem da desolação: a vegetação aparentemente morta, com aspecto branco acinzentado (Maia, 2004). A escassez de água e de alimentos e a presença de animais mortos pelos caminhos revelam a paisagem amarga do fenômeno natural e cíclico da seca (Guerra, 1981), causando temores aos povoadores desse espaço. Sob tais condições, ao longo de gerações, os sertanejos desenvolveram as 'experiências de inverno', em parte com o intuito de se proteger dos efeitos da seca. Alguns destes, ao dominar esta prática e comunicar suas previsões, passaram a ser reconhecidos pela comunidade como 'profetas da chuva'.

O conhecimento e a prática da observação das 'experiências de inverno' atravessaram gerações e, hoje, mesmo com o desenvolvimento dos instrumentos e métodos de previsão da ciência meteorológica, os sertanejos continuam a realizar suas observações. O objetivo deste artigo é identificar os fatores que estimulam a prática da observação das 'experiências de inverno' no Seridó potiguar pelos 'profetas da chuva'.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Foi nos sertões do Jardim do Seridó, terra natal da primeira autora deste artigo, que nasceu o interesse pelo tema das 'experiências de inverno'. Filha de agricultores, ela aprendeu muito cedo a importância destas práticas para a vida dos sertanejos. Ao longo de sua trajetória, viu o sertão se transformar. Presenciou a instalação da energia elétrica, que permitiu a chegada dos meios de comunicação; acompanhou o desenvolvimento de outras atividades econômicas, para além da agricultura, o que dinamizou a região, permitindo sua conexão com importantes centros e ampliando o fluxo de conhecimento da população local. Observou então que, embora o sertão não fosse o mesmo de sua infância – e que

¹ 'Inverno' refere-se ao período chuvoso da região Nordeste, que pode compreender os seis primeiros meses do ano (Morais, 2005).

se a população desejasse poderia, inclusive, ver as previsões do tempo pela internet ou pela televisão –, os sertanejos continuavam a realizar suas ‘experiências de inverno’². Isso a fez supor, então, que estas práticas guardavam um significado muito mais amplo, cujos aspectos buscou descortinar em sua dissertação de mestrado, intitulada “Experiências de inverno no Seridó potiguar”³.

O presente artigo constitui uma das duas etapas deste estudo. Na primeira, o objetivo foi compreender até que ponto esta forma de conhecimento ainda orienta as práticas produtivas dos agricultores que habitam a região do Seridó. Para isso, foram entrevistados 241 agricultores em comunidades rurais dos municípios de Caicó, Acari, Parelhas e Lagoa Nova, o que resultou no artigo “O sertanejo e as experiências de inverno no Seridó potiguar” (Silva *et al.*, 2013).

A segunda etapa foi desenvolvida junto aos ‘profetas da chuva’ do Seridó, com os objetivos de identificar os fatores que estimulam a observação/prática das ‘experiências de inverno’ e de catalogá-las. Esta etapa foi dividida em dois momentos: o primeiro buscou identificar os ‘profetas da chuva’, seguindo a indicação dos 241 entrevistados na primeira etapa. Os profetas que receberam mais indicações foram selecionados para a pesquisa, resultando em um total de oito pessoas, distribuídas nos municípios de Caicó, Acari, Parelhas, São João do Sabugi e Lagoa Nova. O segundo momento contemplou o grupo de ‘profetas celebridades’⁴, cujos prognósticos são veiculados em programas de rádio da região. É sobre este grupo que se pautam as reflexões do presente artigo.

Foram identificados os seguintes profetas: em Caicó, Sinval Soares Dantas (64 anos), Jeferson Batista Pereira (Jefim Batista, 91 anos, falecido em 19 de dezembro de 2012), Gilton Batista de Araújo (Gilton Batista, 74 anos) e Francisco Elpídio de Medeiros (Chico Elpídio, 62 anos), do distrito Palma; em São Fernando, Milton Medeiros da Costa (Milton de Félix, 76 anos), do Sítio Quixaba; em Belém do Brejo do Cruz, Manoel Medeiros de Azevedo (Manoel Uchoas, 69 anos), do Sítio Santa Casa⁵; em Jucurutu, Abel Pereira de Araújo (Folha Seca, 76 anos), do Sítio Pedra Branca (Figura 1).

Foram realizadas entrevistas estruturadas pela autora, com auxílio de um formulário composto por questões abertas a respeito do conhecimento das ‘experiências de inverno’. Para a segurança e fidelidade dos dados coletados, todas as entrevistas foram gravadas (Albuquerque *et al.*, 2008). Também foi realizado registro fotográfico, com o propósito de identificar os elementos utilizados nas ‘experiências de inverno’, principalmente da fauna e da flora, por meio do método ‘turnê-guiada’⁶. A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada com base em Bardin (2010).

Do ponto de vista teórico, as categorias de paisagem verificadas em Santos (1988) e Berque (1998) e as experiências descritas em Tuan (1980) fornecem as chaves de leitura para a análise aqui empreendida, além dos trabalhos de Taddei (2006, 2009) e Inojosa (1980), relacionados especificamente com o tema deste artigo. Essa etapa é apresentada nos próximos tópicos, após os quais seguem a caracterização dos profetas e a construção de um quadro pormenorizado de suas experiências.

² A ‘experiência de inverno’ é uma expressão utilizada pelos sertanejos do interior da região Nordeste para nomear os seus métodos de previsão do tempo (Silva, 2013).

³ Este trabalho fez parte de uma pesquisa sobre as estratégias adaptativas dos agricultores familiares face às mudanças climáticas no Seridó potiguar, da Sub-Rede “Mudanças climáticas e desenvolvimento regional”, coordenada pelo Programa de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS/UnB).

⁴ Expressão sugerida por Taddei (2009, p. 164) para distinguir, entre o grupo de profetas, aqueles cuja experiência é divulgada em meios midiáticos.

⁵ Manoel Uchoas possui residência tanto na cidade de Caicó como em Belém do Brejo do Cruz, na Paraíba, mas sua entrevista foi realizada em Caicó.

⁶ Esse método é utilizado em pesquisas etnobotânicas, o qual, entre outras definições, “(...) consiste em fundamentar e validar os nomes das plantas citadas nas entrevistas” (Albuquerque *et al.*, 2008, p. 50), com apoio de um “mateiro ou informantes escolhidos” nas áreas de estudo.

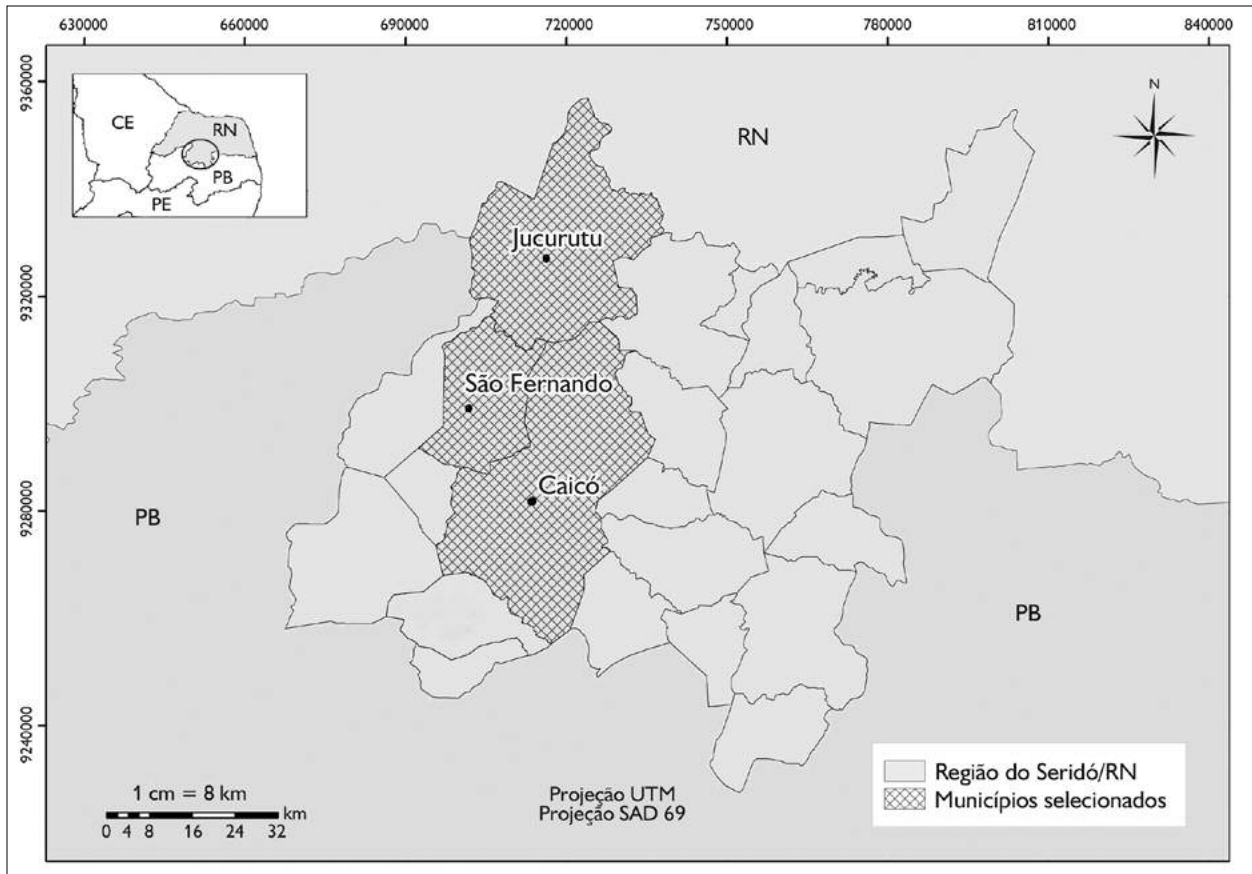


Figura 1. Localização dos 'profetas da chuva' do Seridó potiguar. Mapa elaborado por Manoel Cirício Pereira Neto, 2013.

HOMENS E EXPERIÊNCIAS

O ser humano, quando não tinha métodos nem tecnologias disponíveis para realizar a previsão do tempo, orientava-se principalmente pelos sentidos do corpo. Isso fez com que seu aparelho cognitivo percebesse o ambiente e suas alterações com maior sensibilidade. Contudo, nem todos desenvolveram essa capacidade (Inojosa, 1980). Existem sertanejos que possuem a sensibilidade corporal aguçada para a previsão do tempo, a qual se manifesta de diversas formas. Alguns “sentem reumatismo e nevralgias, outros dores de cabeça e de dente, uns moleza de corpo e indisposição, outros pessimismo e calos doloridos” (Inojosa, 1980, p. 11-12). Suar durante as madrugadas, nos últimos meses do ano, também pode ser um forte indício de que haverá ‘inverno’ no próximo ano.

Segundo Tuan (1980, p. 6-14), o homem utiliza seus sentidos, a audição, o paladar, o tato, o olfato e a visão, para assimilar e interpretar os sinais do meio ambiente, cada sentido tem seu papel importante na compreensão do mundo. As plantas, os animais, os astros, a condição meteorológica de algumas datas específicas e dias santos, olhos-d’água, entre outros, são elementos da paisagem sertaneja que compõem o laboratório natural de observação do sertanejo (Silva *et al.*, 2013).

O ser humano possui várias formas de perceber o seu entorno. Ele pode compartilhar percepções comuns sobre o ambiente, pois os outros indivíduos de sua espécie possuem os mesmos órgãos. Dependendo do indivíduo e da sua cultura, alguns sentidos podem ser mais aguçados do que os outros (Tuan, 1980). Além disso, “os órgãos dos

sentidos são pouco eficazes quando não são ativamente usados” (Tuan, 1980, p. 14).

Entre os sentidos, “o homem depende mais conscientemente da visão (...) para progredir no mundo” (Tuan, 1980, p. 7). Este é o sentido fundamental para a interpretação da paisagem. De acordo com Santos (1988, p. 21):

tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, entre outros.

Como enfatiza Tuan (1980, p. 12):

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar.

A paisagem é, simultaneamente, marca e matriz. O homem imprime sua marca no espaço, ao mesmo tempo em que a paisagem determina, até certo ponto, as percepções, concepções e ações desse indivíduo, tornando-se matriz (Berque, 1998).

A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo e, nessa perspectiva, diversos fatores influenciam a maneira como cada indivíduo percebe e entende o ambiente. Mesmo compartilhando percepções comuns, cada indivíduo possui diferenças, sejam fisiológicas, comportamentais (temperamento, talentos, atitudes), de gênero ou de idade. Cada diferença vai marcar como os indivíduos interagem e percebem o seu meio (Tuan, 1980).

AS ORIGENS DAS PROFECIAS

A maioria dos sertanejos que habitam a zona rural do Nordeste conhece ou já ouviu falar nas ‘experiências de inverno’, mas é o ‘profeta da chuva’ quem domina as “performances” deste conhecimento (Taddei, 2006, p. 165). Essas performances se constituem no conhecimento, nos

gestos e na forma de comunicar as profecias para os demais sertanejos. Os profetas são notavelmente reconhecidos pela comunidade, constituindo-se, desse modo, como os “porta-vozes da natureza” (Bezerra Jr., 2006, p. 126).

Não há fontes que afirmem com exatidão a origem das ‘experiências de inverno’ e, conseqüentemente, das profecias. No entanto, existem algumas indicações de seu desenvolvimento. Vale salientar que “as profecias [de um modo geral] são uma herança do período medieval” (Acselrad, 2006, p. 122). Segundo Inojosa (1980, p. 23),

Na Idade Média, os senhores donos de feudos costumavam manter astrólogos para estudar os astros, a fim de orientá-los quanto às transmutações do tempo, mas o método não obteve resultado (...) [no entanto] vêm dessa época os adivinhadores e os profetas da chuva.

No caso das tradições proféticas sobre as experiências de seca e inverno no Ceará, segundo Acselrad (2006), elas datam do século XIX. Para Montenegro (2008, p. 7), a figura do profeta surgiu:

(...) provavelmente de um agricultor que buscou na natureza os indícios do tempo futuro. Por suas constantes observações e experiências, tornou-se ele informante dos demais agricultores e dos criadores, passando, por isso, a ser constantemente ouvido. Com o passar do tempo, a informação transformou-se em profecia e o informante, em profeta. Surgiu, desse modo, o profeta de chuva e não o profeta de seca, pois a chuva significa a salvação e a seca constitui a maior calamidade.

Os profetas do Nordeste brasileiro, ao observarem a natureza, captam os sinais de chuva e seca que são emitidos. O desenvolvimento deste saber se dá ao longo do tempo por meio de uma relação quase simbiótica com a natureza, assim como por meio de experiências e rituais transmitidos de gerações passadas através de familiares e/ou amigos. As experiências interessam àqueles que têm uma forte ligação afetiva com a terra e que, ao vivenciar esses saberes, desenvolvem suas próprias previsões com características peculiares (Pennesi e Souza, 2012, p. 162).

De acordo com Acselrad (2006, p. 121), "a profecia visa restabelecer uma ponte entre dois mundos separados desde há muito tempo: o da natureza e o da cultura, o mundo da criação e o mundo da criatura". No estreitamento dessas relações, o homem tem condições de reagir sobre o que ele recebe, passando de um ser passivo a um "agente do destino", sendo sua preocupação maior a ocorrência de inverno ou não, e o que isso poderia causar (Acselrad, 2006).

Contudo, a profecia não tem nada de místico ou divinatório, nem é um processo psicológico validado socialmente que se restringe a uma forma de "enfrentamento do desamparo subjetivo do sertanejo, diante de uma natureza adversa, ou de uma existência sofrida, um mecanismo de defesa contra a dor psíquica do sentimento de impotência" (Bezerra Jr., 2006, p. 127). Ela se forja como elemento que articula uma multiplicidade de funções práticas e simbólicas, mas que, sobretudo, marca, de forma contundente, um modo específico de vida.

OS 'PROFETAS DA CHUVA' DO SERIDÓ POTIGUAR

Os 'profetas da chuva' constituem um grupo da sociedade sertaneja que exerce a função de prognosticar o tempo e divulgá-lo para a comunidade, que espera ansiosa por um 'bom ano de inverno'. A divulgação das profecias sempre se fez de forma verbal, sendo restrita a certos limites geográficos: nas comunidades, nas festas, nas missas, nas feiras livres e em qualquer oportunidade que o sertanejo pode se comunicar, porque o inverno é um dos principais assuntos e a seca é um fenômeno muito temido pelos sertanejos (Taddei, 2006).

Além dos meios tradicionais de divulgação das profecias, o rádio também tem se constituído como um veículo de comunicação importante para esta finalidade, proporcionando visibilidade aos profetas e contribuindo para seu reconhecimento e legitimidade. Os sertões do Seridó são espaços reconhecidos por

abrigarem os mais célebres 'profetas da chuva', mais recentemente denominados por Taddei (2009, p. 164) de "profetas-celebridades":

Ainda que sempre tenham existido indivíduos com a função de realizar prognósticos para suas comunidades, a existência de profetas-celebridades, da forma como encontramos atualmente no Sertão Central do Ceará, nos sertões do Seridó, ou nos sertões de Pernambuco, é um fenômeno relativamente recente.

Esse fenômeno pode ser associado à influência dos meios de comunicação de massa, assim como das novas mídias digitais. Os prognósticos ultrapassam os limites geográficos da região por meio dessas mídias.

Na região do Seridó, e especificamente na cidade de Caicó, a Rádio Rural AM é um canal de divulgação dos prognósticos dos profetas. Na referida rádio, Joaquim Gaspar (radialista) organiza os encontros dos profetas com os meteorologistas, para divulgar previsões meteorológicas científicas e tradicionais. Os profetas Gilton Batista, Sinval, Jeferson Batista e Chico Elpídio costumam apresentar seus prognósticos nas mídias impressas e eletrônicas. Já os profetas Milton de Félix, Manoel Uchoas e Folha Seca são mais reservados, dispensando suas participações nos meios midiáticos.

Todos os profetas têm sua origem na zona rural. Chico Elpídio profetiza as experiências e, ao mesmo tempo, é um ambientalista, defensor da natureza, fazendo da mídia um canal de divulgação dos seus princípios ambientalistas. Somente Milton de Félix e Abel Folha Seca ainda residem no sítio, enquanto Manoel Uchoas divide seu tempo entre a cidade e o campo. Esses profetas são agricultores aposentados que trabalham na zona rural, exceto os que residem na cidade. O profeta Sinval, entretanto, planta quando é oportuno. Atualmente, Sinval exerce a atividade de presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caicó. Ele afirma gostar do sítio para trabalhar, e não para o lazer, expondo a importância da zona rural:

A vida da gente não é esquecer (...) aquilo que foi o passado (...) eu vejo muita gente dizendo: – eu quero lá mais saber mais de sítio (...) num sei o que e tal. Mas eu acho que (...) quem não valoriza o sítio eu não sei o que ele pensa, acho, porque tudo o que se come (...) você vai lá para a mesa da presidente da República Dilma Rousseff, porque o que ela tá comendo, ela tá tomando café da manhã, almoço e janta é produzido no campo (...), se deixar de produzir a alimentação acaba na mesa do ser humano (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

Outra característica marcante dos profetas é a forte religiosidade. São católicos e, como disse Abel Folha Seca, acreditam que: “a lei de Jesus é uma só”. Em relação à idade, o mais jovem dos profetas entrevistados, Chico Elpídio, tem 62 anos e o mais velho, Jeferson Batista, possuía 91 anos, condição que confirma a informação de Taddei (2009, p. 6, grifo dos autores):

Um elemento fundamental na legitimação destes conhecimentos é a experiência acumulada de quem faz as observações e comunica os resultados, o que faz da população mais velha um segmento preferencial para elaboração dos prognósticos.

Um aspecto interessante consiste no fato de todos os profetas serem do sexo masculino, realidade que não impede uma mulher de ser profetisa. Os homens são os mais propensos a seguirem essa condição, conforme Montenegro (2008, p. 19):

O profeta da chuva (...) é um sertanejo (...) cuja atividade principal é a agricultura (...). A mulher sertaneja cuida da roça, dedica-se aos afazeres domésticos, pode manejar os bilros de uma almofada ou manter uma indústria caseira, mas se torna raramente uma profetiza de chuva.

Essa condição poderia, talvez, ser justificada pela atividade que cada gênero exerce. O homem é aquele cuja maior preocupação estaria direcionada às atividades produtivas para o sustento da família; a mulher se preocupa em cuidar dos afazeres domésticos e da roça. Cabe ao pai instruir seus filhos homens sobre a arte de prever o tempo, para que, quando vier a falecer, seu filho possa passar adiante esse conhecimento.

A PAISAGEM E O PROFETA OU A LEITURA DA PAISAGEM, SEGUNDO O PROFETA

Os ‘profetas da chuva’ do Seridó potiguar conhecem um vasto conjunto de ‘experiências de inverno’, no qual são observados elementos da paisagem, como a flora, a fauna, os astros, elementos atmosféricos, corpos d’água/reservatórios, dias santos e algumas datas específicas do ano, que podem ser categorizados como elementos gerais. Dentro destes, são observados inúmeros outros elementos, como mangueira, formiga, poços, entre outros, aqui denominados de elementos específicos (Figura 2).

A idade do profeta, assim como as atividades desenvolvidas no campo, a experiência transmitida de geração a geração, a ligação de afeto estabelecida com a natureza contribuíram para que ele acumulasse grande conhecimento de elementos utilizados na elaboração dos prognósticos de inverno. Nesse contexto, os sertões do Seridó tornam-se o laboratório natural de observação para os ‘profetas da chuva’.

Determinados profetas costumam elaborar suas profecias pautadas na observação de muitos elementos, enquanto outros utilizam somente alguns. O elemento observado pode ser comum entre os profetas, mas

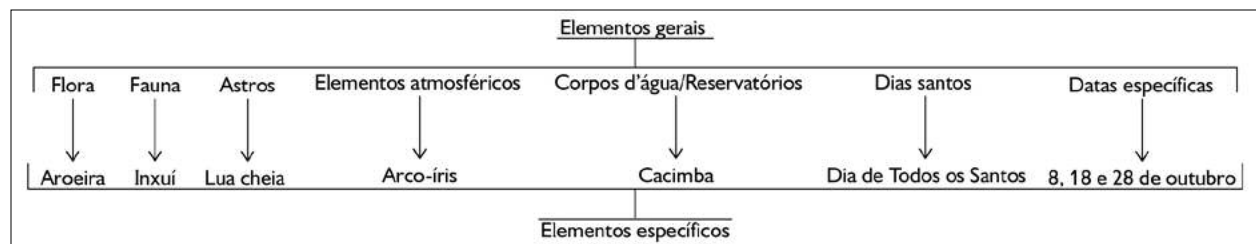


Figura 2. Elementos da paisagem do Seridó potiguar, categorizados a partir das experiências dos sertanejos (2012).

também pode haver particularidades no sinal observado e na indicação da previsão. Assim como os meteorologistas têm suas previsões, os profetas, ao discorrerem sobre suas 'experiências de inverno', apresentam os sinais e as previsões para o período chuvoso. Estas, em sua maior parte, têm caráter qualitativo. Os sinais observados levam à elaboração de vários tipos de prognósticos.

Como se afirmou anteriormente, as 'experiências de inverno' estão pautadas principalmente na percepção das mudanças da natureza por meio da observação e dos sentidos do corpo. De um modo geral, as narrativas sobre as previsões são construídas com adjetivos que as qualificam como apresentando sinais 'bons' ou 'ruins' para o inverno. Esses prognósticos têm significados particulares e são compartilhados com outros profetas. A socialização deste saber segue regras culturalmente estabelecidas pelos profetas, do mesmo modo como os meteorologistas dispõem de todo um aparato tecnológico para a realização das previsões meteorológicas e a divulgação de suas previsões segue uma nomenclatura científica.

A interpretação dos sinais mostra como será o comportamento do período chuvoso: de 'inverno atrapalhado'⁷, de um 'ano bom'⁸ ou 'ruim'⁹ para o inverno, de 'inverno fraco'¹⁰, de 'inverno tarde'¹¹, de 'inverno geral'¹², de 'inverno normal'¹³ e seca. Outras experiências apresentam sinais considerados 'bons' ou 'ruins' para o inverno e, quando analisadas em conjunto, permitem ao observador elaborar a previsão do tempo.

Os sinais permitem prever a condição do tempo a longo e curto prazos. O período de ocorrência de fenômenos meteorológicos, como chuvas e tempestades, pode ser estipulado por sinais que indicam a ocorrência de chuva para o mesmo dia, ou para dias ou meses à frente; o início e o fim de tempestades; assim como o início do período chuvoso (inverno), e assim por diante.

A quantidade de chuva também pode ser mensurada. Nesse caso, a experiência com o pássaro lavadeira-de-nossa-senhora, observada por Sinval, dá pistas de quanto choveria em uma área, dependendo do local em que a ave constrói seu ninho dentro do açude.

Outros sinais indicam a direção na qual virá o inverno, o qual pode ser previsto por meio da experiência com o xique-xique, observada por Sinval. A direção que o espinho novo do xique-xique apontar indica a direção da qual virá o inverno.

Experiências de Sinval

Na ocasião da entrevista com o profeta Sinval, de 64 anos, realizada no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ele pediu que o senhor Expedito Jorge de Medeiros, de 75 anos de idade, assessor do Polo Sindical do Seridó, participasse da descrição das 'experiências de inverno', pois também detinha grande conhecimento sobre o assunto. Assim como Sinval, Expedito teve suas origens no campo.

Segundo Sinval, as 'experiências de inverno' começaram a fazer parte da sua vida quando passou

⁷ 'Inverno atrapalhado' significa pouca chuva, com muitos verões. As chuvas são mal distribuídas no espaço, ou seja, pode chover em uma área e em outra não. Alguns chamam esse período de 'inverno de manga'. Às vezes, produz algum pasto para os animais, mas não enche os reservatórios de água.

⁸ No 'ano bom para inverno' chove bem, produzindo pasto abundante para os animais. Enche os reservatórios. É suficiente para o desenvolvimento das culturas agrícolas, proporcionando fartura de alimento. Não chove demais e nem de menos. É um inverno considerado normal, com chuvas regulares, bem distribuídas no tempo e no espaço.

⁹ No 'ano ruim para inverno' chove pouco ou quase nada. É um ano de seca, quase nunca chega a 200 mm de chuva.

¹⁰ 'Inverno fraco', para o profeta Expedito, é sinônimo de 'atrapalhado'; chove pouco, por pouco tempo. Chove com maior intensidade apenas uma ou duas vezes, ou apresenta "várias 'chuvinhas', mas chuvinhas pequenas, que não fazem água e quase não molham a terra". Para o profeta Chico Elpídio, "é um inverno na média, abaixo da média um pouquinho, mas que dá para ter alguma coisa".

¹¹ 'Inverno tarde' é aquele que não inicia no período normal das chuvas no Seridó.

¹² O 'inverno geral' atinge toda uma região, com chuvas bem distribuídas no espaço, sem secas localizadas.

¹³ 'Inverno normal' é o mesmo que um 'ano bom de inverno'. Há pasto, água e produção agrícola. Não existem perdas com chuvas torrenciais e nem pela falta de chuva. Ele atinge entre 500 a 700 mm de chuva.

da fase juvenil para a maturidade e foram motivadas, principalmente, pela sua preocupação com as secas:

Há uns 30 anos atrás (...) sabe, eu comecei (...) porque (...) foi quando eu (...) a gente passa da juventude, né? (...) aí começa a despertar essas coisas. Enquanto a gente é jovem não liga para isso, é só (...) a maioria é divertimento e trabalho e pronto, né? Mas quando a gente vai amadurecendo um pouco, aí começa a ver e escutar o que as pessoas estão dizendo. Aí começou a aparecer os anos de seca prolongados. Aí vem a preocupação da gente (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

Sinval, após os 20 anos de idade, despertou para realizar – e observar – as experiências. Passou a enterrar uma garrafa sob a fogueira de São João, experiência que aprendeu com sua avó paterna. Na manhã do dia 24 de junho, bem cedo, dia de São João, ele desenterra a garrafa e verifica o nível de água. Se aumentar “1 cm mais ou menos ou se [a água] ficar na mesma medida que a gente deixou isso significa uma seca verde, mas se ela aumentar qualquer coisa chove mais, chove alguma coisa. Se aumentar muito a água é sinal de que chove muito” (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

Ele ainda informa que, entre as experiências, confia mais na do olho-d’água, a qual prediz que se aumentar o nível da água é sinal positivo para o inverno, e na da garrafa com água na fogueira de São João.

Experiências de Milton de Félix

As experiências passaram a interessar o profeta Milton de Félix quando ele assumiu a responsabilidade de trabalhar, e também pela ocorrência dos eventos de seca:

(...) quando eu era moço eu não tinha ideia, escutava os mais velhos falarem experiência tal, experiência tal, eu escutava, mas eu comecei mesmo a observar e a prestar a atenção às coisas da natureza em respeito a inverno, agora, vamos dizer de [19]93 para cá. Foi quando eu comecei a sofrer com seca, então eu comecei a observar desse tempo pra cá, né? Em [19]58 eu tinha papai, né? Foi uma seca muito fera, como se diz, mas quando você é moço, tem papai,

mamãe, tem tudo nas mãos, muitas coisas você não observa não. Quando você passa a assumir responsabilidade (...) a ser um dono de casa, aí você vai saindo de um bocado de coisa e vai passando para outras de seu interesse, que se chama observar a natureza (entrevista realizada no Sítio Quixaba, São Fernando, em novembro de 2012).

Milton de Félix, de 76 anos, só não observa os dias santos. Afirma que as experiências relacionadas ao olho-d’água, à ‘carga’ do feijão-bravo, à carnaúba-de-tabuleiro e ao enxuí-de-ramo sempre dão certo. Para ele, a observação das experiências é importante porque se sente feliz ao ajudar o próximo, prognosticando o inverno:

É muito (...) eu gosto (...) é muito importante, eu digo, porque, quando as experiências estão ótimas para mim, isso é uma coisa que eu fico muito feliz, porque eu vou repassar isso para um amigo, para outro, para outro, e indicar a todos que estão assim um pouco desesperados, né? Aí eu vou (...) falo aquilo para ele, aí ele já esfria, né? Já fica feliz (entrevista realizada no Sítio Quixaba, São Fernando, em novembro de 2012).

Esta afirmação demonstra a função social desempenhada pelo profeta, que elabora a profecia e transmite o prognóstico para os sertanejos, procurando tranquilizar aqueles que estão angustiados. Em sua trajetória de vida, Milton de Félix aprendeu com avós, pais, tios e conhecidos a observar e a descobrir os segredos da natureza sertaneja.

Experiências de Manoel Uchoas

O profeta Manoel Uchoas, de 69 anos, começou a observar as experiências em 1956 (com 13 anos), motivado pelo interesse em criar gado, pela sabedoria de pessoas que entendiam do assunto e, principalmente, pela convivência com a seca de 1958. Segundo ele:

Nasci na zona rural e me criei na zona rural e estudei pouco (...), aí a gente tem interesse, né, aqui a começar a criar (...) aquele gadozinho. Criava aqueles animais, aqueles negócio, e tinha interesse de ver um relâmpago, uma coisa (...) escutando muito aqueles que eram, diziam muitas coisas certas (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

Para o profeta, as experiências são importantes porque representam uma forma de prevenção às intempéries ambientais, permitindo o desenvolvimento de estratégias pessoais para vencer as dificuldades relacionadas ao sistema produtivo:

(...) pra mim é porque eu vejo mais ou menos as coisas como vai seguir (...) e me defendo já de muitas coisas, por exemplo, eu vendi (...) eu vi que o ano ia ser desmantelado (...) esse ano, não ia ter (...) eu tinha duzentas e tantas cabeças de ovelha, eu fiquei com quarenta (...), eu já sabia que ia ser desmantelado, e muito, aí vendi uma parte do gado, vendi as ovelhas (...) e [estou] me prevenindo de outras coisas não tão boas, né? Eu já sabia que ia acontecer isso, fui logo me prevenindo. Água, por exemplo, fazer tanque para os animais (...) e canto que não tinha água, não adiantava penetrar, porque eu não tinha condições de furar um poço. Então, assim, eu fui me defendendo e estou quase vencendo, só está faltando quase um mês e pouco para terminar o ano, né? E pode até cair umas chuvadas no mês de dezembro lá (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

Identificou-se que suas observações estão pautadas em quase todos os elementos usualmente citados pelos demais profetas, com exceção dos dias santos. Segundo seu depoimento, aprendeu grande parte das experiências com o pai e também observando a natureza.

Experiências de Jeferson Batista

O profeta Jeferson Batista, de 91 anos, começou a observar as 'experiências de inverno' a partir dos 20 anos de idade, estimulado pelos antigos. Considerava as experiências importantes, pois lhe permitiam prever a condição pluviométrica e, com isso, tinha certeza de como seria o inverno na região.

Experiências de Gilton Batista

O profeta Gilton Batista, de 74 anos, passou a se interessar pelas experiências desde menino, quando ouvia os avós e os pais falarem destas práticas, tomando como referência a flora da caatinga. Foi, então, "tomando gosto" pelo tema. As experiências são muito importantes, segundo

ele, porque permitem reafirmar sua origem no campo e, ao mesmo tempo, prevenir as pessoas de possíveis secas, pois, mesmo morando na cidade, mantém uma propriedade na zona rural:

Porque também eu fui e vim da zona rural e ainda tenho propriedade (...) que influencia (...) eu crio gado (...) eu crio (...) quer dizer (...) aí, então, a gente [pode] se prevenir de uma seca dessa. Eu procuro vender o gado, armazenar mais água (...) e avisar os amigos (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

Como desempenha atividades no campo, as experiências o auxiliam na escolha de decisões. Para se prevenir dos efeitos da seca, o profeta toma algumas medidas, como vender os animais, armazenar água, alertando aos amigos sobre o problema. Dessa forma, exerce seu papel social de profeta do tempo.

Experiências de Chico Elpídio

O profeta Chico Elpídio, de 62 anos, tem interesse desde a adolescência (17 ou 18 anos) pelo desvendamento da natureza, escutando os mais velhos e os observando. O processo de aprendizagem exigiu curiosidade, interesse, exemplo, atenção e tempo para que esse saber viesse a ser aperfeiçoado:

Desde pequeno que eu fui muito curioso (...) eu gostei de escutar as pessoas mais velhas. Vendo as mais velhas, eu comecei a olhar a natureza, né? Aí, isso aí que eu comecei a aprender (...), verificar se realmente aquilo é certo, aí eu comecei a observar. Aí eu criei outras (...) outras maneiras novas que eles também não tinham (...), aí eu fui aperfeiçoando essas coisas e, graças a Deus, hoje eu tenho algum conhecimento. É pouco, mas eu tenho algum conhecimento (entrevista realizada no distrito Palma, Caicó, novembro de 2012).

Pela sua vivência no campo desde criança, Chico Elpídio, além de conquistar o reconhecimento de 'profeta da chuva', é um ambientalista preocupado com a natureza, o planeta e as pessoas que nele habitam. Em um dos trechos da entrevista, é enfático ao dizer:

○ homem está matando a própria mãe (...).
○ homem [está] matando a própria vida (...).
Quando tem um doente como eu (...) eu não corto toda planta e, quando vou cortar, às vezes sinto dor e não corto (...) preserva, mas a grande parte não quer nem saber disso (...), porque a maioria das pessoas não sabe que a planta é viva, que a planta sente dor, entendeu? (entrevista realizada no distrito Palma, Caicó, novembro de 2012).

Chico Elpídio apresenta grande versatilidade nas atividades que desenvolveu e desenvolve. É agricultor, vaqueiro, já foi esportista (jogador de futebol), presidente de clube e de cooperativas, presidente do conselho comunitário, líder comunitário, presta “serviços comunitários de veterinário”, contribui com seu conhecimento em trabalhos acadêmicos (dissertações e teses), entre outros. Ele apresenta como principais observações a ‘carregação’ da vegetação e a experiência do xique-xique.

Experiências de Abel Folha Seca

O profeta Folha Seca, de 76 anos, começou a observar o tempo ainda muito jovem, com 12 anos de idade. Saber se vai chover ou não é um conhecimento de interesse do sertanejo seridoense, principalmente o que vive na zona rural e inicia esse processo na infância, que é desenvolvido ao longo da vida, ao ouvir as pessoas da família e da comunidade, aprimorando a capacidade de observação dos fenômenos da natureza.

Realizar as experiências, para Folha Seca, significa confirmar as expectativas positivas em relação ao inverno. O sertanejo espera por um ano chuvoso com muita fartura, e as experiências, quando positivas, exercem a função de revelar a ‘boa nova’: “a gente fica esperando por coisa boa e esperar por coisa boa não é bom?” (entrevista realizada no Sítio Pedra Branca, em Jucurutu, novembro de 2012). Os sertanejos esperam que o inverno seja muito chuvoso, mas, em caso negativo,

depositam a sua fé em Deus, que, segundo acreditam, tem o poder de reverter o prognóstico negativo.

SÍNTESE DAS EXPERIÊNCIAS DOS ‘PROFETAS DA CHUVA’

Em virtude dos inúmeros elementos observados pelos ‘profetas da chuva’, será apresentada uma síntese das ‘experiências de inverno’ no Seridó potiguar¹⁴ (ver Apêndice).

Os profetas observam nas espécies da flora os seguintes aspectos: aumento da seiva na planta (jurema); troca de folhagem (juazeiro); aparecimento de cera (catingueira); brotação e direção das folhas (xique-xique, cujas folhas são os próprios espinhos); quantidade de frutos (embiratanha); quantidade de florações (mangueira); floração, frutificação e dispersão dos frutos, de acordo com o desenvolvimento produtivo normal das espécies (juazeiro, pereiro, cardeiro, caibreira, embiratanha, entre outras); produção de resina (catingueira); e sincronização produtiva entre espécimes (juazeiro). Há grande diversidade de plantas observadas, assim como os métodos são variados. A maioria das observações está centrada na fenologia reprodutiva das espécies em questão.

Entre os métodos de observação dos elementos da fauna, pode-se destacar: modo de abrir as asas (galinha); construção de ninhos (cajaca-de-couro); localização do ninho (rouxinol); reprodução (galo-de-campina); postura (rolinha); migração, aparecimento e limpeza dos ninhos (formigas); desenvolvimento de partes do corpo (formiga e preá); emissão de sons (canto dos pássaros, sapo coaxando); e aumento da sudorese (cavalos). São vários os métodos de observação da fauna, que resultam em uma diversidade de prognósticos, como pode ser visto no Apêndice.

Nos dias santos, os métodos de observação estão relacionados à ocorrência de chuva e à preparação do tempo para a chuva (nuvens escuras e ‘pesadas’, relâmpago, trovões). Nas datas específicas, os profetas observam o início do período chuvoso em determinadas

¹⁴ Para conferir todos os elementos e detalhes citados pelos profetas da chuva sobre as ‘experiências de inverno’, consultar Silva (2013).

áreas; a ocorrência de chuva, garoa, verão e sereno ao longo do dia; a presença de umidade; e o dia da semana em que o ano inicia.

Nos fenômenos atmosféricos, os sinais indicadores são: ocorrência de secas localizadas; direção e intensidade dos ventos; ocorrência de chuvas, relâmpago e trovão; formato das nuvens; preparação do tempo para a chuva; aumento e/ou diminuição da temperatura; visibilidade do horizonte (cinza); e aparecimento de arco-íris.

Somente Manoel Uchoas observou o sol como um elemento indicador de inverno. O profeta destacou dois sinais: o deslocamento/posição do sol ao longo do tempo/ espaço e a sua coloração na aurora. Estes sinais indicam a condição do período chuvoso, se será 'boa' ou 'ruim', mas também a previsão do tempo para o mesmo dia. Manoel Uchoas faz uso de dois métodos de observação para um único elemento (sol).

A observação da lua cheia, por sua vez, foi realizada por seis dos oito profetas entrevistados. O principal sinal observado consiste no modo como a lua cheia nasce (nascer por trás de nuvens ou da barra¹⁵, como é comumente denominada) em determinados meses do ano (janeiro e junho). Outro sinal, observado por Manoel Uchoas, diferentemente dos demais profetas, é a posição da lua (mais ao norte) no momento do seu nascimento. Todos os sinais são positivos para o período chuvoso na região. Os profetas, exceto Manoel Uchoas, utilizam o mesmo método de observação da lua cheia, mas com certas peculiaridades.

As observações de corpos d'água e reservatórios são poucas. Sinval cita a observação dos poços amazonas e Chico Elpídio, dos demais tipos de poços, porém utilizam métodos diferentes. Estes sinais são considerados positivos para o período chuvoso. O profeta Chico Elpídio apresenta dois métodos de observação e dois prognósticos utilizando tanques com água. Os sinais referem-se ao nível da água relacionada ao tempo e à turbidez.

No conjunto das experiências observadas, há aquelas que são praticadas. São mencionadas as experiências na fogueira de São João com uma garrafa d'água e a confecção de uma bandeira, que, ao ser colocada sobre a casa, mostra a direção do vento. A partir do que foi discorrido, evidencia-se a diversidade de observações que os profetas praticam atualmente. Nesse sentido, quais os fatores que estimulam a prática da observação das 'experiências de inverno'?

INTERESSE DOS SERTANEJOS DO SERIDÓ PELO INVERNO

A prática da observação das 'experiências de inverno' data de séculos, de quando ainda não havia métodos de previsão meteorológica como nos dias atuais (Inojosa, 1980). Os avanços na meteorologia, dos métodos de previsão, dos instrumentos, e a facilidade de acesso às informações dos boletins por meio da mídia impressa e eletrônica contribuíram para fornecer à população, de um modo geral, informação em tempo real sobre a condição meteorológica de qualquer região.

Os profetas, em sua maioria (70%), afirmaram acreditar nas previsões dos meteorologistas. Contudo, essas previsões são também motivos de desconfiança. Os que não acreditam justificam-se pelas constantes falhas, como informa Montenegro (2008, p. 16):

O meteorologista desdenha do profeta de chuva, considerando-o inferior a ele por não ter cunho científico o seu conhecimento. Por sua vez, o profeta de chuva zomba do meteorologista, ridicularizando-o por suas errôneas previsões. E o homem comum chasqueia dos dois, alegando que estão se metendo numa área que a Deus pertence.

Prever o tempo na área de abrangência do clima semiárido não é uma tarefa fácil, tanto para o meteorologista quanto para os profetas, que estão completamente suscetíveis a erros. As condições climáticas

¹⁵ É o formato como a nuvem se apresenta ao encobrir a lua parcial ou totalmente, no momento em que ela surge no horizonte.

do Seridó constituem-se como um dos fatores que submetem a população rural dessas áreas a um estado de vulnerabilidade. Nessa região, a seca torna a atividade agrícola essencialmente arriscada. Desse modo, as 'experiências de inverno' apresentam-se como uma das estratégias adaptativas adotadas frente à vulnerabilidade climática (Andrade *et al.*, 2013).

O regime pluviométrico da região (inverno) continua exercendo forte influência no comportamento do sertanejo seridoense: "a água é que dá vida à propriedade rural do semiárido, condição mínima de sua explorabilidade" (Montenegro, 2008, p. 14). Segundo Sinval, "quase todo sertanejo hoje cria pelo menos uma, duas ou três vaquinhas", e a ausência de água e alimento seria determinante para suas atividades produtivas:

(...) os sertanejos, hoje, aqui na nossa região, mesmo que a gente plante pouco (...) está se plantando quase só para, para o consumo. Como se diz, estão plantando só para comer verde: o feijão verde, o milho verde, sabe? Achando melhor comprar o produto que vem de fora do que ir trabalhar, porque para você produzir hoje tem que ter o combate com veneno, né? E [são] muitas pragas que atacam a lavoura. O grande interesse do homem nordestino seridoense é porque a maioria, hoje, e quase todo mundo cria, cria (...) tem a criação, sabe? Quem tem terra, quem não tem, quase todos estão criando uma vaca, duas ou três. Porque no passado só quem tinha direito de fazer empréstimo no banco era o rico, o proprietário. Mas, de uns certos tempos para cá, você sabe que a mesma pessoa que não tem terra quer fazer um empréstimo de 2.500,00 e 3.000,00 reais, faz. Comprar uma vaca acompanhada ou uns garrotes e tudo mais (...). E tem outros tipos de empréstimos, mas aquelas bolsas, bolsas que existem no governo, aquilo não dá para ninguém viver não, tem alguém que parece que está vivendo com aquilo, mas eu não sei qual é a forma, sabe? Porque não dá (...) aquela bolsa família, tem outros que recebem cento e poucos reais (...) mas tem uns que só é sessenta e poucos. Isso é só a bolsa família, mesmo, não tem bolsa escola, quando tem bolsa escola é mais dinheiro (...) tem filho, né? E o sertanejo, repito, ele procura e deseja um ano que haja inverno. E uma maioria de quem ainda acredita e tem a força e a coragem de trabalhar na terra devido à criação, que tem, e ainda planta alguma coisa e é isso. Não tem outra

saída. (...) Quando a gente cultivava o algodão, era ele quem dava a camisa à pessoa, né? (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

O profeta Milton de Félix afirma que o inverno é fundamental para as atividades produtivas relacionadas à criação e à semeadura das culturas agrícolas da região. Sem ele, os benefícios do governo não seriam suficientes para sustentar o sertanejo e seu rebanho:

Porque a gente que seja aposentada e que não seja, sem inverno não tem nada. O inverno é o que traz todas as melhorias para todos os tipos de animais, para todos os tipos de vegetal. Sem inverno não há nada, a água é vida, né? Só o nome tá dizendo: a seca, né? (entrevista realizada no Sítio Quixaba, São Fernando, novembro de 2012).

Para Manoel Uchoas, o interesse que o sertanejo tem em saber sobre o inverno está relacionado ao amor que possui por sua terra, embora as adversidades ambientais da região o penitenciem por até longos períodos de dificuldades produtivas. Outra questão é a importância social que o inverno tem entre os sertanejos. Durante todo ano, o assunto 'inverno' é para o sertanejo motivo de longas conversas nas feiras, nos encontros religiosos, nas reuniões de associação, nos supermercados ou onde alguém questione simplesmente sobre a temperatura daquele dia.

Assim como Sinval, as opiniões dos profetas Jefferson Batista, Gilton Batista, Chico Elpídio e Abel Folha Seca convergem quanto às motivações do sertanejo em relação às previsões de inverno. Para eles, o inverno é de interesse do sertanejo seridoense em razão das práticas produtivas (de criação e semeadura), as quais são limitadas pelas condições ambientais da região.

Nesse contexto, a seca é a principal ameaça para o sertanejo, desde o período de ocupação dessa região. Os esforços do governo, com a adoção das políticas de convivência com o semiárido, não têm sido suficientes para extinguir ou amenizar os problemas que afetam a sobrevivência dos sertanejos, bem como dos rebanhos e

das culturas agrícolas. As motivações para a realização das experiências são enfatizadas em vários relatos:

Olha, a preocupação dos sertanejos é com a criação dos animais, porque (...) o fenômeno da seca para a nossa região é uma calamidade. Você vê o que tá acontecendo aí (...) eu tenho pessoas conhecidas que já perderam mais de 100 cabeças de gado, outros mandaram para o Maranhão para escaparem lá, porque aqui não tem condição. Quer dizer, você trabalha vários anos (...) de inverno normal, quando chega (...) um ano como esse, acaba, liquida tudo. É um negócio que faz medo mesmo, um ano de seca. Tem região aqui que não tem uma gota d'água nem para os animais nem para os humanos (entrevista com Gilton Batista de Araújo, realizada em Caicó, novembro de 2012).

(...) para poder (...) plantar (...) quando chegar o tempo de plantar (entrevista com Jeferson Batista Pereira, realizada em Caicó, novembro de 2012).

Porque não é bom o inverno? (...) o inverno é bom para trabalhar (...) fazer fatura para o gado (...) (entrevista com Abel Pereira de Araújo, realizada no Sítio Pedra Branca, em Jucurutu, novembro de 2012).

O sertanejo, esse negócio de você ser do sítio (...) isso tá no sangue, minha gente. Não tem como você ter a origem do sítio (...). Você gosta de ver gado, você gosta de ver planta, você gosta de plantar. Isso foi a cultura, aqui quando começou só era agricultura. É a nossa cultura, não tem jeito, tá no sangue (entrevista com Francisco Elpídio de Medeiros, realizada no distrito Palma, em Caicó, novembro de 2012).

Desse modo, as previsões realizadas, a partir da observação das 'experiências de inverno', atuam como orientadoras para as atividades dos sertanejos do Seridó, embora algumas ações, como o preparo do solo, sejam realizadas mesmo que o prognóstico indique seca. Segundo Sinval, não tem quem saiba, até mesmo o profeta, quando vai chover, sendo Deus o único que pode mudar essa realidade:

A gente tem que tá preparado (...), a gente se prepara (...), porque é o seguinte, a gente tem que estar (...) chegou, por exemplo, o mês de dezembro, é um mês que a gente tem que preparar o solo (...) para plantio, né? E chega o inverno, agora que (...) teve achando que vai vir inverno e que não venha (...) o caso do sertanejo

é esse, (...) a pessoa que vive da agricultura, que planta, ela tem que fazer o preparo do solo antes que vá chover ou que não (...), é porque a gente não sabe, uma hora para outra pode vir chuva, não tem quem manda. Quem manda no tempo é Deus, né? Aí, a gente não pode (...) Ah! Esse ano não vai chover nada! Vou lá ajeitar roçado e não sei o quê! De qualquer forma tem que preparar. É um, é uma coisa que ninguém pode (...) deixar de fazer, não (...). É como o comer na panela, a gente tem que colocar para comer todo dia, né? (entrevista realizada em Caicó, novembro de 2012).

A experiência fornece aos profetas, em especial aqueles que ainda desenvolvem atividades agropecuárias, oportunidade de se prepararem, sempre que possível e de acordo com as suas condições, para eventuais intempéries ambientais, principalmente a seca. Conforme os relatos dos profetas:

É, a gente sempre fica observando e vendo o que vai fazer, né? Você pensa em fazer alguma coisa (...), a gente pensa em arrumar as coisas cedo (entrevista com Francisco Elpídio de Medeiros, realizada no distrito Palma, em Caicó, novembro de 2012).

Eu só planto se eu vi experiência para inverno. Se eu não vi, eu não planto, não! (entrevista com Abel Pereira de Araújo, realizada no Sítio Pedra Branca, em Jucurutu, novembro de 2012).

A maioria dos sertanejos, contudo, em vista de um prognóstico de seca dado tanto por meio das 'experiências de inverno' quanto por meteorologistas, não dispõe de capital, infraestrutura e/ou outras estratégias para superar o momento de dificuldades, e evitar ou reduzir as possíveis perdas produtivas, o que pode levá-los a deixarem sua terra em busca de sonhos em outros horizontes.

Sendo as atividades produtivas estimuladoras da observação das 'experiências de inverno' nos sertões do Seridó pelos sertanejos, outros fatores vinculados ao sistema produtivo foram identificados, a partir do discurso dos 'profetas da chuva'.

A transmissão do conhecimento de geração a geração, a ligação de afeto do profeta à terra e à natureza,

o desejo de ajudar o próximo, as origens geográficas, a cultura, a rivalidade e/ou a não aceitação das previsões dos meteorologistas e a seca contribuem para que as experiências estejam sendo observadas até os dias atuais.

O processo de aprendizagem das 'experiências de inverno' inicia-se quando o indivíduo ainda é criança, ao ouvir os pais e as pessoas mais velhas da comunidade conversarem a respeito do assunto, mas é na passagem da fase juvenil para a maturidade, com novas responsabilidades (trabalho, sustento da família, entre outras), que há maior exigência de atenção dos sertanejos seridoenses para a observação dos sinais da natureza. Geralmente, mais de um fator influencia e/ou influenciou a observação das experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 'profetas da chuva' do Seridó potiguar passaram a observar a natureza a partir do processo de transmissão do conhecimento, por meio dos pais, avós, tios, os mais velhos e conhecidos do seu convívio, e por observações pessoais. Esse processo de aprendizagem acontece ainda quando criança. Por outro lado, a prática da observação se inicia na transição da juventude para a fase adulta.

São vários os fatores identificados que estimulam a observação das 'experiências de inverno' pelos sertanejos, tendo como preocupação maior o desenvolvimento das atividades produtivas (agropecuária) e a ocorrência de secas. As atividades produtivas constituem-se no fator que mais estimula a realização de observações, e a seca é o fator que causa a preocupação. Eles estão vinculados aos demais fatores, identificados como: idade, processo de transmissão cultural do conhecimento, origem do sertanejo, afeto à terra, desejo de ajudar o próximo e rivalidade com meteorologistas e/ou não aceitação das previsões deles.

O grau de complexidade das experiências desenvolvidas pelos 'profetas da chuva' demonstra o nível de relação que estabelecem com o seu meio social e com a natureza. Os profetas não são apenas estudiosos desta

natureza, mas os que traduzem seus ensinamentos. Eles se ressentem do fato de muitos sertanejos da zona rural não acreditarem mais nas experiências, descrença atribuída aos avanços na área da meteorologia.

A maioria dos entrevistados reside na zona urbana, mas esta condição não os impediu de observar as experiências e de cumprir seu papel social de 'profeta da chuva'. Os entrevistados afirmam que o espaço urbano reduz suas possibilidades de previsão, sendo necessário deslocarem-se para ambientes mais naturais, como o espaço rural, para a realização das experiências.

Os profetas acreditam profundamente em Deus e na sua intercessão. A sabedoria e a fé caminham juntas para o bem estar dos sertanejos. Existe um elo entre o profeta, a natureza e Deus, uma relação intermediada pela vivência, pelo trabalho e pela fé. Eles demonstram sentimentos de amor e uma relação de intimidade com a natureza, fato que, por vezes, pode ultrapassar a compreensão de outrem. A fé exerce importante papel na vida dos profetas e sertanejos, alimentando a esperança por tempos melhores.

A visão, a audição, o tato são direcionados a perceberem os sinais e interpretá-los. A observação das experiências é um trabalho investigativo, que reúne uma série de sinais para que se chegue a um consenso sobre o comportamento do período chuvoso.

A capacidade que os profetas têm de prever o tempo não é algo que se deve considerar como 'mágico' ou 'sobrenatural', mas o resultado de anos de observação, seleção de elementos, transmissão de saberes acumulados e memória. Esses aspectos, além de permitirem ao profeta elaborar um prognóstico das chuvas para orientar os sertanejos em suas atividades produtivas, atuam como um dos alimentadores da esperança e da fé sertaneja, traços fortes da resistência da sociedade seridoense. Salienta-se a importância da conservação deste saber, pois permite estreitar as relações de dois mundos: o do homem e o da natureza dada por Deus.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, M. Questões sobre o universo simbólico da profecia: juntando a fome com a vontade de viver. In: MARTINS, K. P. H. (Org.). **Profetas da chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006. p. 121-124.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Revisada, atualizada e ampliada. Recife: COMUNIGRAF, 2008.
- ANDRADE, A. J. P.; SILVA, N. M.; ROZENDO, C. A vulnerabilidade e a resiliência da agricultura familiar em regiões semiáridas: o caso do Seridó potiguar. **Campo-território: Revista de Geografia Agrária**, v. 8, n. 15, p. 1-30, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.
- BEZERRA JR., B. Os porta-vozes da natureza e a prosa do mundo. In: MARTINS, K. P. H. (Org.). **Os profetas da chuva**. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2006. p. 125-130.
- FOLHES, M. T.; DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular à serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 2, p. 19-31, 2007.
- GUERRA, P. B. **A civilização da seca**. Fortaleza: DNOCS, 1981.
- GUILLEN, I. C. M. Sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, J. A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-123.
- INOJOSA, A. **Quando flora o mandacaru: meteorologia popular**. Recife: Editores Inojosa, 1980.
- MACEDO, M. K. **A penúltima versão do Seridó: espaço e história do regionalismo seridoense**. Natal; Campina Grande: EDUFRN; EDUEPB, 2012.
- MAGALHÃES, J. **Previsões folclóricas das secas e dos invernos do Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.
- MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. São Paulo: D & Z Computação Gráfica e Editora, 2004.
- MONTENEGRO, A. F. **Ceará e profeta de chuva**. Fortaleza: Edições UFC/Banco do Nordeste, 2008.
- MORAIS, I. R. D. **Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. Caicó: [s. n.], 2005.
- PENNESI, Karen; SOUZA, Carla Renata Braga. O encontro anual dos profetas da chuva em Quixadá, Ceará: a circulação de discursos na invenção de uma tradição. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 38, p. 159-186, 2012.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SILVA, N. M. **Experiências de inverno no Seridó potiguar**. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- SILVA, N. M.; ANDRADE, A. J. P.; ROZENDO, C. O sertanejo e as experiências de inverno no Seridó potiguar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 27, p. 87-107, jan.-jun. 2013.
- TADDEI, R. Os profetas da chuva do sertão como produção midiática. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 28., 2009, Rio de Janeiro. **Actas...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- TADDEI, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do sertão. In: MARTINS, K. P. H. (Org.). **Profetas da chuva**. Fortaleza: Tempo D'Imagem, 2006. p. 161-170.
- TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

APÊNDICE. Síntese das 'experiências de inverno' no Seridó potiguar.

(Continua)

Elemento geral	Elemento específico	Nome do profeta observador	Descrição da experiência	Prognóstico
Flora	Mangueira	Manoel Uchoas	A mangueira 'carregar' (florar) várias vezes	Sinal ruim para inverno
	Juazeiro	Manoel Uchoas	Se todos os juazeiros 'carregarem' e segurarem a carga em um mesmo período	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
			Todos os juazeiros têm que 'carregar' e segurar a carga em um mesmo período, se não o ano vai ser ruim de inverno	Sinal indicador de que o ano vai ser ruim de inverno
		Gilton Batista	- Juazeiro segurar a carga (flora em novembro) é bom de inverno; - Juazeiro trocar a folhagem (novembro) e segurar a carga	Sinais bons para inverno
		Chico Elpídio	Juazeiro trocando a 'roupa' (folhagem)	Sinal bom para inverno
		Abel Folha Seca	Se o juazeiro não enramar em novembro sem chover, o ano é seco; tem que enramar no seco	Sinal indicador de seca
	Pereiro	Sinval	- Se os pereiros segurarem as galinhas secas no período seco; - "Se o pereiro enramar no final do ano é sinal de que o lençol freático está subindo"; - Se os pereiros segurarem a carga (floração e frutificação)	Sinais bons para inverno
		Expedito	- Se o pereiro segurar a carga (flor e fruto); - Se o pereiro enramar no final do ano sem ter chovido	Sinais bons para inverno
		Milton de Félix	Se os pereiros segurarem as galinhas (depois da dispersão das sementes) durante a seca para só cair quando o inverno começar (chovendo bastante)	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
		Gilton Batista	- Se o pereiro segurar a carga (flora em novembro) é bom de inverno; - Se o pereiro segurar as galinhas no período seco	Sinais bons para inverno
		Chico Elpídio	Se tiver cera no pereiro é mau sinal de inverno	Sinal ruim para inverno/mau sinal para inverno
	Cardeiro	Milton de Félix	Se o cardeiro (em dezembro) florar e segurar a carga	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
			Se o cardeiro florar e o fruto ficar pequeno e preto	Mau sinal para inverno/Sinal ruim para inverno
	Jurema	Sinval	Se, de outubro para novembro, cortar a jurema e ela estiver cheia d'água	Sinal bom para inverno
		Manoel Uchoas	Se você cortar uma jurema no final do ano e sair água (seiva)	Sinal bom para inverno

APÊNDICE.

(Continua)

Elemento geral	Elemento específico	Nome do profeta observador	Descrição da experiência	Prognóstico
Flora	Jurema	Chico Elpídio	Se a jurema carregar várias vezes ao ano	Sinal bom para inverno
			A jurema tem um botão adormecido e, quando vai ter uma 'carregação' ou dá um sereno, ele brota	Sinal indicador de que está próximo de chover
			Se tiver enxerco (planta parasitária) em jurema	Sinal ruim para inverno/mau sinal para inverno
	Xique-xique	Sinval	No município de Angicos, aprendeu que o 'sodoro' ou xique-xique, se estiver com espinho novo crescido no final do ano, indica a direção em que o inverno vem (para o lado que o espinho aponta)	Sinal indicador da direção em que virá o inverno
		Chico Elpídio	Xique-xique com espinho novo (final do ano)	Sinal bom para inverno
	Embiratanha	Expedito	'Embiratã' segurar a carga (flor e fruto)	Sinal bom para inverno
		Milton de Félix	Se a embiratanha segurar 23 frutos em dezembro	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
		Manoel Uchoas	Se a 'ubiratã' segurar a carga	Sinal bom para inverno
		Abel Folha Seca	- Se a 'embiratã' segurar a carga (flor e fruto); - Se a 'embiratã' segurar muitas cabacinhas (fruto)	Sinais bons para inverno
		Chico Elpídio	'Carregação' da embiratanha	Sinal bom para inverno
	Catingueira	Expedito	Se as catingueiras produzirem muita resina amarela no final do ano (setembro)	Sinal bom para inverno
		Milton de Félix	Vegetais quando 'carregam' bem de resina: a catingueira (experiência do pai, Félix Nogueira)	Sinal bom para inverno
		Chico Elpídio	Se tiver cera na catingueira é mau sinal de inverno	Sinal ruim para inverno/mau sinal para inverno
Fauna (aves)	Galinha	Abel Folha Seca	Galinha abrindo as asas na terra, ao meio-dia	Sinal bom para inverno
	Cajaca-de-couro	Abel Folha Seca	Achar muitos ninhos de cajaca-de-couro	Sinal bom para inverno
		Sinval	Se a cajaca-de-couro fizer o ninho com a boca virada para o poente, ela está esperando chuva	Sinal bom para inverno
	Rouxinol	Expedito	"A rouxinol, quando ela chega (...) no começo do ano e começa a chegar e procurar as casas para fazer ninho na biqueira"	Sinal bom para inverno
		Manoel Uchoas	Se a rouxinol procurar as casas para fazer seus ninhos	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
	Galo-de-campina	Milton de Félix	Os galos-de-campina com filhotes novos em janeiro	Sinal bom para inverno
		Manoel Uchoas	Galo-de-campina começar a pôr muito (ovo)	Sinal bom para inverno



APÊNDICE.

(Continua)

Elemento geral	Elemento específico	Nome do profeta observador	Descrição da experiência	Prognóstico
Fauna (aves)	Galo-de-campina	Abel Folha Seca	O galo-de-campina cantando e dando voltinha	Sinais indicadores de ocorrência de chuva para o mesmo dia
	Rolinha	Manoel Uchoas	- Rolinha começar a pôr muito (ovo); - Rolinha-cascavilinha pôr (ovo no final do ano); - Rolinhas fazendo ninho e pondo (ovos);	Sinais bons para inverno
Fauna (insetos)	Formiga	Milton de Félix	- “Quando vem preparação de chuva, a formiga-alemanha, que é uma vermelhinha, se ela se retirar lá para fora do açude”; - Onça-de-areia, quando aparece muito em janeiro (formiga grande de cor preta e branca, que anda rápido) (experiência do velho Aureliano)	Sinais bons para inverno
			“Quando ela (formiga-alemanha) sai para fora (do açude) e com 15 ou 22 dias que ela volta para o espaço molhado”	Sinal indicador que gera dúvidas sobre o inverno
		Manoel Uchoas	“Formiga, ela quando (...) o mês que entra em diante (dezembro) começa a desocupar a casa (...), jogar o que ela levou para se alimentar durante o período invernososo (...) aí ela joga aquele basculho para fora e, quando pegar o inverno, ela vai pegar outro para jogar dentro da casa também; e se elas estão tirando a família”	Sinais bons para inverno
		Gilton Batista	A formiga, quando está no açude, faz sua casa na parte úmida, próximo à água; quando está próximo de o açude encher, ela sai da parte baixa para os altos, distante da área que irá inundar	Sinais indicadores de que está próximo de chover
		Abel Folha Seca	- Se a formiga estiver dentro do açude e sair para fora; - A formiga criando asa	Sinais bons para inverno
	Saraça	Abel Folha Seca	A saraça criando asa	Sinais bons para inverno
Fauna (anfíbios)	Sapo-cururu	Milton de Félix	O cururu chocando e morrendo em água velha	Mau sinal para inverno/sinal ruim para inverno
		Gilton Batista	Sapos hibernam na seca; quando está para chover eles saem da toca	Sinal indicador de que está próximo de chover
		Gilton Batista	O sapo só desova quando há chuva. Se ele desovar na água velha é sinal de seca	Sinal indicador de seca
Fauna (répteis)	Teju-açu	Milton de Félix	Teju-açu andando na terra seca (final do ano); com dez a 12 dias, se vê chuva, e quando sai em janeiro das tocas	Sinais indicadores de que está próximo de chover

APÊNDICE.

(Continua)

Elemento geral	Elemento específico	Nome do profeta observador	Descrição da experiência	Prognóstico
Fauna (répteis)	Teju-açu	Gilton Batista	Teju-açu hiberna na seca, quando é para chover, ele sai da toca	Sinal indicador de que está próximo de chover
Fauna (mamíferos)	Preá	Milton de Félix	Preás se reproduzindo no final do ano; se, no mês de dezembro, tiver com os testículos cheios	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
			Se os preás, no mês de dezembro, estiverem com os testículos secos	Sinal indicador que gera dúvidas sobre o inverno
		Manoel Uchoas	Se o preá desaparecer em ano de seca	Sinal indicador de seca
		Jeferson Batista	- [Se tiver] preá novo no fim do ano é sinal bom; - Se preá macho encher o ovo (testículo)	Sinais bons para inverno
			Se preá macho secar o ovo (testículo)	Sinal indicador de que o ano vai ser ruim de inverno
	Cavalo	Milton de Félix	No mês de janeiro, se os cavalos estiverem muito suados sem fazer esforço	Sinal indicador de que está próximo de chover
	Vaca	Manoel Uchoas	Se, a partir de agosto, as vacas parirem no curral bezerros machos	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
			Se, a partir de agosto, as vacas parirem no curral bezerras fêmeas	Sinal indicador de seca
		Abel Folha Seca	Se a vaca estiver no curral, der um coice e ficar com a perna tremendo, chove com três dias	Sinal indicador de que está próximo de chover
Fauna (peixes)	Curimatã	Milton de Félix	Se num açude tiver muita curimatã e ela desovar na primeira chuva	Sinal indicador que gera dúvidas sobre o inverno
		Manoel Uchoas	Se a curimatã secar a ova	Sinal indicador de seca
		Gilton Batista	A curimatã (geralmente em dezembro), quando desova cedo, o inverno começa cedo	Sinal indicador do início do inverno
Dias santos		Jeferson Batista	Se, no dia da fogueira de São João, neblinar e a tarde limpar e não houver carregação	Sinal indicador de seca
		Gilton Batista	Se, no dia de São João, chover e molhar a cinza da fogueira	Sinal bom para inverno
		Abel Folha Seca	Se, em 2 de fevereiro (dia de Nossa Senhora das Candeias), 'pintar' chuva	Sinal bom para inverno
		Chico Elpídio	Observa-se o dia e os dias que se seguem ao de Nossa Senhora da Conceição, de 8 a 12 de dezembro, e Santa Luzia, de 13 a 17 de dezembro. Cada dia representa um mês dos cinco meses iniciais do ano. Observa-se a carregação nesses dias. Se tiver pelo menos relâmpago, é sinal de que no mês tem chuva; se não, é seco	Sinais indicadores de ocorrência de chuva
		Sinval	Se chover no dia de São José (19 de março)	Sinal bom para inverno



APÊNDICE.

(Continua)

Elemento geral	Elemento específico	Nome do profeta observador	Descrição da experiência	Prognóstico
Datas específicas	18 de outubro	Expedito	Se o inverno do Peru começar em 18 de outubro	Sinal bom para inverno
	1º de janeiro	Expedito	Experiência do cunhado: “todo ano, ele, bem cedinho no dia de ano (1º de janeiro), ele ia e arrancava uma pedra, né? Para ver se tinha umidade debaixo da pedra; se tivesse ressequida, o inverno ia ser fraco”	Sinal indicador de inverno fraco
		Milton de Félix	Se, no amanhecer do dia de ano (1º de janeiro), tiver uma garoa (sereno fino)	Sinal indicador de inverno atrapalhado
		Jeferson Batista	Se, no dia de ano (1º de janeiro), chegar a serenar e a tarde chover, ou de manhã tiver carregação e chover e a tarde neblinar	Sinais indicadores de que o ano vai ser bom de inverno
			Se, no dia de ano (1º de janeiro), chover de manhã e a tarde fizer verão	Sinal indicador de seca
			Se, no dia de ano (1º de janeiro), serenar	Sinal ruim para inverno
		Chico Elpídio	Se, no dia de ano (1º de janeiro), tiver choroso o inverno, é muito ruim. É melhor que ele não tenha nem nevoeiro, seja quente e seco	Sinais indicadores de que o inverno será muito ruim
		Abel Folha Seca	Se o ano começar no domingo	Sinal bom para inverno
Fenômenos atmosféricos	Seca localizada	Chico Elpídio	Seca localizada	Sinais ruins para inverno/ mau sinal para inverno
	Vento	Abel Folha Seca	O vento vindo do norte	Sinal bom para inverno
		Chico Elpídio	Se ventar do poente por três dias seguidos, pode esperar que chove depois desses dias ou mesmo durante os três dias	Sinal indicador de que está próximo de chover
			“Os ventos, quando eles começam a soprar... aquela briga de ventos, não sabe? Aquele redemoinho, aquela ventarada, toda com muita força... o do sul empurrando o do norte (no final do ano), já é uma coisa que não é tão boa para inverno”	Sinal ruim para inverno
			Quando o aracati (vento do norte) açoita bem (a partir de setembro)	Sinal bom para inverno
		Milton de Félix	O vento do norte vir rasteiramente às 4h30 da tarde em dezembro	Sinal bom para inverno
	Chuva	Chico Elpídio	Chover em dezembro	Sinal bom para inverno
			Experiência que aprendeu em 1992, em Pernambuco: existe uma chuva chamada de trovoada, em dezembro, uns quinze dias de pré-inverno. Com 45 dias o inverno chega no Seridó e chega lá também. No Piauí, do mesmo jeito, se estiver chovendo por lá agora (novembro), com 60 dias o inverno chega aqui	Sinais indicadores do início do inverno

APÊNDICE.

(Continua)

Elemento geral	Elemento específico	Nome do profeta observador	Descrição da experiência	Prognóstico
Fenômenos atmosféricos	Chuva	Manoel Uchoas	Se chover primeiro em Caicó do que no Brejo	Sinal indicador de que o ano vai ser ruim de inverno
			O inverno do Seridó é normal quando começa a chover no Ceará, Maranhão e Piauí	Sinais indicadores de inverno normal
		Milton de Félix	Se as primeiras chuvadas do inverno se formarem com muitos trovões e relâmpagos, passarem por muitos lugares e terminarem apenas em sereno	Mau sinal para inverno/sinal ruim para inverno
	Formato das nuvens	Chico Elpídio	Céu escamado	Sinal bom para inverno
	Preparação do tempo para chuva	Jeferson Batista	Ter 'carregação' de inverno no final do ano	Sinal bom para inverno
	Temperatura	Manoel Uchoas	O tempo tem que estar quente (final do ano), mas se o tempo estiver frio não chove	Sinais indicadores de chuva para o mesmo dia
	Cinza de setembro	Manoel Uchoas	Se, no mês de setembro, o dia estiver acinzentado	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno
	Relâmpago	Sinval	Se relampear para o lado de Campina Grande e de Natal, e, pior ainda, se relampear para o lado do Norte ("Areia Branca, Macau, nesse mundo")	Sinais indicadores de seca
Astros	Sol	Manoel Uchoas	- O sol rodar 40 a 50 cm toda semana; - Se, ao nascer, a cor do sol estiver bem clara	Sinais indicadores de que o ano vai ser bom de inverno
			Se, ao nascer do sol, a cor estiver vermelha	Sinal indicador de que o ano vai ser ruim de inverno
			Se, ao nascer, o sol estiver com cor bem clara	Sinal indicador de chuva para o mesmo dia
	Lua cheia	Sinval	Se a primeira lua cheia de janeiro nascer por trás de uma 'barra'	Sinal bom para inverno
		Expedito	Experiências de outras pessoas: a lua cheia de junho sair por trás de uma 'barra'	Sinal bom para inverno
		Milton de Félix	Lua cheia de janeiro: quando ela sai dentro de uma 'barra', bem bonita e larga, se chegar na altura das 8 horas no céu e a 'barra' segurar	Sinal indicador de que o ano vai ser bom de inverno



APÊNDICE.

(Conclusão)

Elemento geral	Elemento específico	Nome do profeta observador	Descrição da experiência	Prognóstico
Astros	Lua cheia	Manoel Uchoas	Se a lua cheia de janeiro nascer pendendo para o lado do norte	Sinal bom para inverno
		Gilton Batista	Se a primeira lua cheia do ano nascer por trás de nuvens	Sinal bom para inverno
		Chico Elpídio	Se a primeira lua cheia do ano nascer por trás de uma 'barra'	Sinal bom para inverno
Corpos d'água e reservatórios	Poços amazonas	Sinval	Nos poços amazonas, se a água estiver fervendo de baixo para cima no final do ano (isso é sinal de que o lençol freático está subindo)	Sinal bom para inverno
	Poços	Chico Elpídio	Se os poços secarem de repente	Sinal bom para inverno
	Tanques	Chico Elpídio	Se os tanques secarem de repente	Sinal bom para inverno
			Se tiver água em um tanque e, de repente, ela ficar verde	Sinal indicador de que o inverno está próximo de começar
Experiências praticadas	Experiência da garrafa d'água na fogueira de São João	Sinval	Aprendeu com sua avó paterna: "ano passado fiz uma fogueira e enterrei uma garrafa (sob a fogueira) e, às 5 horas da manhã, fui desenterrá-la. Ela tinha subido 1 cm mais ou menos, se ela ficar na mesma medida que a gente deixou, isso significa uma seca verde, mas se ela aumentar qualquer coisa, chove mais, chove alguma coisa". Se a água aumentar muito, é sinal de que chove muito	
Experiências praticadas	2 de fevereiro	Expedito	Experiência colhida de agricultores em 2 de fevereiro em relação ao vento: "quando menino, os agricultores colocavam uma bandeira em frente da casa, se durante o dia ventar os quatro ventos (nascente, poente, norte e sul), é muito bom; se ventar só de três partes, é bom; se ventar só de duas partes, é fraco; se ventar só um vento, é seco. Ano passado (2011), o vento só teve um vento de um lado e foi a seca mais intensa e extensa que já tive conhecimento"	